

## livros...

DIAS, Reginaldo Benedito. **Histórias da AP**: estudos sobre as disputas pelos sentidos da história da ação popular (AP). Curitiba: Editora Prismas, 2017 (376 p.).

Este livro reúne um conjunto de seis estudos relacionados à maneira como a elaboração do sentido da história da organização política Ação Popular (AP), uma das mais representativas da esquerda brasileira das décadas de 1960 e 1970, foi disputada por seus dirigentes nas lutas internas do período em que mantiveram vínculo orgânico ou em época posterior, quando tal ligação já havia sido desfeita.

Fundada em 1963, a AP sistematizou, inicialmente, um projeto político heterodoxo aberto a várias influências, como o cristianismo, o marxismo de viés humanista e o existencialismo. Seu objetivo era elaborar ideologia e caminhos próprios para a construção de um projeto socialista humanista.

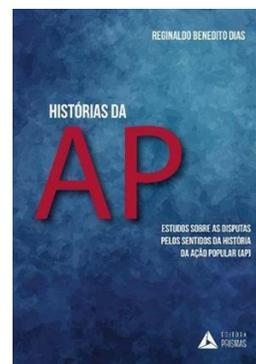
Após o golpe de Estado de 1964, a AP reelaborou progressivamente seus objetivos políticos e sua identidade com vistas a transformar-se em uma organização marxista-leninista. Viveu, então, acentuados processos de luta interna, nos quais a visão do futuro revolucionário articulava-se com o redimensionamento do sentido de seu passado.

Cada capítulo tem existência independente e permite examinar hipóteses alternativas de narração da mesma história, mas o conjunto convida a um olhar holístico sobre o processo. O livro descortina, assim, as relações entre o todo e as partes, as tensas conexões estabelecidas entre o presente e o passado na reformulação das identidades e dos objetivos, os combates pela memória como forma de narrar e viver uma história inserida em uma perspectiva revolucionária.

## Sobre o autor

Reginaldo Benedito Dias é Professor Associado do

Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. Mestre e Doutor em História Política pela Universidade Estadual (Unesp), tendo desenvolvido, nas duas fases pesquisas relacionadas à história da organização política Ação Popular. Pós-doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), quando consolidou estudos a respeito da historiografia da revolução soviética. Além de vários artigos científicos extraídos dessas investigações, como autor, coautor e organizador, tem alguns livros publicados sobre a história de movimentos políticos e sobre a história regional, entre os quais podem ser citados: “Sob o signo da revolução brasileira: a experiência da Ação Popular no Paraná” (Eduem, 2003); “Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional” (Eduem, 1999); “Uma universidade de ponta-cabeça” (Eduem, 2007).



## PREFÁCIO

Antonio Ozaí da Silva\*

Fiquei sabendo da existência da Ação Popular nos primeiros anos da década de 1980. Na época, participava da Pastoral Operária, inspirada na Teologia da Libertação. Então, despertou a curiosidade de conhecer a história do comunismo e das organizações marxistas no Brasil. Vivíamos os anos da chamada abertura democrática, mas ainda sob um clima de insegurança. As referências bibliográficas eram escassas, especialmente para um jovem autodidata com dificuldades de acesso ao campo acadêmico. Dependia-se, essencialmente, de fontes orais. Para escrever a obra *História das Tendências no Brasil (Origens, cisões e propostas)*, publicada inicialmente no formato Jornal-Livro,<sup>1</sup> entrevistei representantes dos diversos marxismos. Isso ocorria numa época em que as marcas indelévels, físicas e psíquicas, da longa noite ditatorial eram relativamente recentes. Uma das poucas fontes escritas sobre a atuação da esquerda brasileira nos anos 1960 e no período ditatorial consistia da série de artigos publicados no jornal *Em Tempo*, por Marco Aurélio Garcia. Ainda na década de 1980, surgiram outras publicações que contribuíram para a pesquisa (por exemplo, *Combate nas trevas*, de Jacob Gorender),<sup>2</sup> além de registros de depoimentos e da possibilidade de acesso a documentos, textos etc.

A pesquisa do autor sobre a Ação Popular se insere nessa perspectiva e soma-se às referências bibliográficas que

pavimentam o caminho dos pesquisadores e interessados em conhecer a história da esquerda e do marxismo no Brasil. Desde o mestrado, com a dissertação “Sob o signo da revolução brasileira: a experiência da Ação Popular no Paraná”, e o doutorado, com a tese “A cruz, a foice e o martelo e a estrela: a tradição e a renovação da esquerda na experiência da Ação Popular (1962-1981)”, o autor dedica-se a pesquisar o tema. Nessa trajetória, ele se debruça sobre extensa bibliografia, propiciando o resgate de fontes primárias, depoimentos e registros históricos dos personagens diretamente envolvidos com essa experiência, além das obras e textos interpretativos.

Os textos reunidos na presente obra expressam o resultado e a continuidade desse processo de estudo e pesquisa. A obra, composta de seis capítulos, organizados em três seções, sintetiza e analisa as diversas interpretações sobre a história da Ação Popular. Na primeira parte, o autor remete o (a) leitor (a) à história da Ação Popular escrita por ela própria, ou seja, como a organização interpretou e reinterpretou sua trajetória diante das transformações que vivenciou no decorrer da sua existência e a (re)atualizou na perspectiva de legitimar a opção ideológica fundada na tradição marxista-leninista. Heterodoxa em sua origem, aberta à pluralidade de influências filosóficas e ideológicas, a Ação Popular, na conjuntura aberta com o golpe civil-militar de 1964, promoveu a ruptura com a sua identidade original, pressuposto necessário para a adesão ao marxismo-leninismo.

A chave teórica para compreender esse processo consiste na percepção de “como

\* Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá.

<sup>1</sup> SILVA, Antônio Ozaí. *História das Tendências no Brasil (Origens, cisões e propostas)*. São Paulo: Proposta Editorial, sem data.

<sup>2</sup> GORENDER, Jacob. *O combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1987.

a produção da memória é inerente à práxis dos partidos marxistas, que mantêm uma relação diferenciada com a história”<sup>3</sup> e como isso articula as dimensões do passado, do presente e do futuro. Como escreve o autor: “Se a memória é construção do presente sobre o passado, nesse caso ela sofre influência do projeto político, articulado com um futuro de longo alcance, cujo horizonte é a nova sociedade”.<sup>4</sup> Essa operação é realizada pelo indivíduo, mas também há a influência das estruturas organizacionais e das disputas pela hegemonia em seu interior. A memória histórica é reconstruída no sentido de legitimar o presente e delinear o futuro almejado.

Na segunda parte, o autor examina as memórias do fundador e primeiro coordenador nacional da Ação Popular, Herbet de Souza (Betinho), com o objetivo de avaliar a contribuição desse dirigente à interpretação da história da organização. Por outro lado, analisa como a formação da Ação Popular e a sua evolução histórica foram interpretadas no campo do catolicismo, focalizando tanto sua relação com a história da Igreja católica pela ótica conservadora e quanto pela progressista. Os textos apresentados nessa parte confluem no sentido de destacar os aspectos positivos da Ação Popular na fase anterior ao golpe civil-militar de 1964.

Na última seção, o autor nos oferece a análise sobre a disputa pela memória da Ação Popular e como determinadas interpretações cumprem a função de legitimar a construção de uma história que atende às expectativas e interesses do presente, ao mesmo tempo em que se

vincula a determinados projetos políticos teleológicos. O autor examina a interpretação de Aldo Arantes e Haroldo Lima, que expressa a visão oficial do PC do B, além das memórias de Duarte Pereira e de Ricardo de Azevedo. Seu fio condutor é o debate sobre o partido de vanguarda e a posição da Ação Popular.

As origens e a trajetória da Ação Popular instigam a reflexão sobre questões fundamentais referentes à história e aos seus usos; às tensões e entrelaçamentos que envolvem as ideologias, a prática política e as religiões. São questões que permanecem atuais, traduzidas em dilemas humanos concretos que envolvem as relações entre fé e política, as tensões entre Estado laico e a influência social e política das religiões, a sacralização da política e das ideologias laicas. O fanatismo, o sectarismo e a intolerância política, ideológica e religiosa são as faces do dilema irresoluto e reatualizado em contextos históricos completamente diferentes daquele que possibilitou o surgimento e a atuação da Ação Popular: a conjuntura social e política no Brasil nos anos 1960, as transformações no interior da Igreja Católica impulsionadas pelo pontificado de João XXIII (encíclicas *Mater et magistra*, *Pacem in terris* e a convocação do Concílio Vaticano II) e os ecos das revoluções chinesa e cubana. Nesse sentido, o resgate e a análise da história da Ação Popular representam uma contribuição significativa ao tempo presente, em especial aos jovens. Na medida em que investigamos o passado, podemos repensar as práticas, os valores e as concepções atuais.

<sup>3</sup> Neste ponto, a referência do autor é: PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros*. História e memória do PCB. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

<sup>4</sup> Aqui o autor se apoia em: HALBWACHS M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.